

Proposta 35

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O VALOR DA LIBERDADE NO BRASIL DO SÉCULO XXI**, apresentando proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

No dia em que o Brasil lembrou os 50 anos desde o golpe civil-militar de 1964, o Cordão da Mentira, coletivo que mistura carnaval, movimentos sociais, teatro e música, saiu às 18h40 do antigo Dops, na Luz, centro de São Paulo, e seguiu para a sede do grupo conservador Tradição, Família e Propriedade (TFP), em Higienópolis, para lembrar que resquícios da ditadura ainda persistem na sociedade e suas heranças parecem, cada vez mais, presentes.

“A pergunta que o cordão sempre colocou é: quando vai acabar a ditadura civil-militar no Brasil? Em maio de 2006 foram mortos quase 500 em 15 dias. Isto foi o que mataram, segundo dados oficiais, durante os 21 anos de ditadura”, afirmou Caio Castor, da Favela do Moinho. “Não apenas restou um aparato da ditadura, mas ele também se intensificou”, disse sobre as chacinas nas periferias e os massacres de indígenas.

Para Debora Maria Silva, fundadora do movimento Mães de Maio, a principal mensagem da manifestação da tarde de terça-feira 1º era mostrar que traços da ditadura ainda estão presentes no cotidiano da periferia. “Quando a gente vê que temos um País produtor de mais de 50 mil mães de maio por ano, então devemos mostrar que a ditadura não acabou. Hoje, 1º de abril, é o dia da mentira. De uma democracia de mentira.”

Lenira Machado, de 73 anos, ex-militante Partido Revolucionário dos Trabalhadores, via no ato um sinal de vitória daqueles que lutaram contra o regime opressor dos militares. “Estar na rua hoje, lembrando a ditadura nesse país, significa mostrar que a verdade está na rua e todos têm o direito de conhecê-la”, disse a ex-presa política, que entre 1971 e 1972 passou pelo Dops, DOI-Codi e Presídio Tiradentes.

Para o professor Sergio Measino, de 43 anos, o ato chama atenção para a permanência das estruturas da ditadura no Brasil. “Não vejo nem como uma herança, mas como algo ainda presente em nossas vidas”, afirmou. “Temos gente desaparecendo, repressão aos estudantes, aos jovens pobres.”

Givanildo Manoel da Silva, o Giva, do Tribunal Popular, do Comitê Popular da Copa e do Comitê pela Desmilitarização da Polícia e da Política, afirmou que o Brasil caminha para um movimento de intensificação da repressão contra as populações da periferia, principalmente contra a juventude negra e pobre. “Estamos em uma crescente de extermínio de pessoas. O Brasil é hoje o país que mata 50 mil pessoas por ano. Temos um processo de encarceramento em massa crescente no Brasil, segundo o qual só perdemos para a China, os Estados Unidos e a Rússia”, lembrou. “Portanto, se não vivemos declaradamente uma ditadura, temos aspectos muito fortes de que está sendo, de fato, um regime de exceção.”

Adaptado para o tema de <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/50-anos-depois-a-heranca-com-a-qual-o-golpe-nos-brindou-7967.html>

Apesar de viverem numa democracia há mais de 28 anos, os jornalistas brasileiros ainda encontram dificuldades para exercer livremente a profissão. Somente em 2013, quatro profissionais da imprensa foram assassinados no Brasil. Segundo ONGs especializadas no assunto, outros problemas enfrentados pelos jornalistas brasileiros são a proibição de vincular notícias sobre determinadas pessoas, a alta concentração da propriedade dos meios de comunicação e a relação próxima entre donos de veículos de comunicação e políticos.

Em 2013, o Brasil caiu nove posições no ranking de liberdade de imprensa da organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF), ficando em 108º lugar numa lista que conta com 179 países. O Brasil também ficou em 10º lugar no Índice de Impunidade de 2013, organizado pelo Comitê para Proteção de Jornalistas (CPJ) e divulgado nesta quinta-feira (02/05), véspera do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. O índice aponta os países onde jornalistas são assassinados com regularidade e onde esses casos permanecem sem solução. Quanto mais elevada a colocação, pior a situação no país.

Em 2012, com quatro jornalistas assassinados por causa do seu trabalho e dois obrigados a deixar o país após receber ameaças por investigarem casos envolvendo policiais, o Brasil ficou na quinta posição na lista dos países mais perigosos para se exercer a profissão de jornalista, segundo a RSF.

O jornalista Mauri König atribuiu duas razões principais ao aumento das ameaças feitas contra jornalistas: a crescente quantidade de reportagens investigativas e a impunidade. "Mais gente vai ter os seus negócios obscuros revelados e mais gente, portanto, estaria disposta a ameaçar, a agredir ou até matar jornalista para não ter essa situação exposta", ressalta König.

Com relação à impunidade, König diz que, de modo geral, os crimes não costumam ser resolvidos no país, e isso gera a sensação de que os autores não serão descobertos. "A polícia brasileira costuma se empenhar mais em crimes que têm grande repercussão na imprensa, e nem sempre os crimes contra jornalistas ganham destaque na mídia. Parece uma coisa paradoxal, mas é que, nesses casos, não existe corporativismo entre os jornalistas. Por isso, boa parte desses crimes acaba caindo no esquecimento."

Além da impunidade, o diretor do escritório para as Américas da Repórteres Sem Fronteiras, Benoît Hervieu, cita outros fatores que contribuem para o enfraquecimento da liberdade de imprensa no Brasil, como o modelo econômico do setor de comunicação. Frequentemente donos de jornais estão envolvidos com a política ou dependem da publicidade oficial. Ele afirma ainda que a censura prévia é também um grande problema no Brasil e cita o exemplo do jornal *O Estado de S. Paulo*, que há três anos está proibido de publicar assuntos que incomodem a família Sarney. "Um jornal como o Estadão pode assumir os custos de processos judiciais, mas isso pode ser a morte para um veículo médio ou para um blogueiro. No Brasil, existe um risco para a liberdade de informação, porque a ofensiva judicial é impressionante", relata.



Adaptado para o tema de <http://noticias.terra.com.br/brasil/liberdade-de-imprensa-ainda-esta-ameacada-no-brasil-dizem-ongs,9d887ce907a6e310VgnCLD200000ec6eb0aRCRD.html>